

RACHA DO PMDB É INEVITÁVEL

Por mais que as principais lideranças do PMDB nacional — governistas ou não — dêem declarações garantindo que o partido sairá unido da convenção nacional programada para o próximo dia oito de março, é inútil tentar esconder uma verdade simples: o partido sairá virtualmente rachado.

Forjado na luta contra a ditadura militar, em tempos de bipartidarismo imposto pelo regime, o MDB, antecessor político-geológico da atual

legenda, já nasceu dividido. Todos lembram que o partido tinha a ala dos autênticos, onde despontavam Ulysses Guimarães, Alencar Furtado e outros bambas, e a dos moderados, cujo maior líder era Tancredo Neves.

O MDB era grande guarda-chuva partidário: em suas muitas alas militavam os comunistas do "partidão" (que hoje abriga um inusitado neo-comuna: *Ciro Gomes*), socialistas e os hidrófobos quercistas do MR-8.

Hoje, ironia do destino, o PMDB

faz convenção para decidir se lança ou não candidato própria à Presidência da República — que nunca exerceu de fato (Tancredo morreu antes de ser empossado e Sarney entrou na legenda por imposição eleitoral) — ainda esfacelado em alas.

O racha peemedebista vem de longe. Em 1º de outubro de 1995, em convenção nacional realizada no plenário da Câmara dos Deputados, o deputado Paes de Andrade, já na oposição ao governo, elegeu-se presidente com 76 votos, contra 75 do deputado Alberto Goldman, já governista, numa eleição tumultuada. Paes continua sendo um dos obstáculos à adesão do PMDB ao governo Fernando Henrique.

Os governistas do partido que

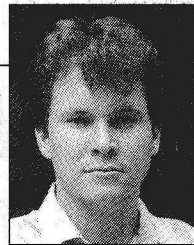
“PELO ANDAR DO ANDOR, O OITO DE MARÇO DE 1998
MARCARÁ O FIM DO PMDB COMO GRANDE PARTIDO
NACIONAL, UNIDO. A PARTIR DESSA DATA, SERÁ CADA UM POR SI”

embarcaram no projeto da reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso não admitem a hipótese de apoiar o ex-presidente Itamar Franco e muito menos o senador Roberto Requião (PMDB-PR). Os oito governadores peemedebistas lançaram nota oficial para assegurar que estão com Fernando Henrique. Ao mesmo tempo, o presidente do PMDB, Paes de Andrade, e o senador José Sarney são os principais artífices da candidatura própria, embalando o sonho de Itamar

de voltar ao Planalto.

O raciocínio dos anti-governistas é o de que o PMDB entra nessa aventura como um reles coadjuvante, apoiando Fernando Henrique sem ter ninguém na chapa — pois a vaga de vice continuará cativa para o PFL.

Alguns ainda tentam evitar o racha definitivo. Os presidentes estaduais do PMDB, por exemplo, assinaram documento se comprometendo em manter a unidade do partido nas eleições presidenciais de 1998, qualquer que seja o resultado da



convenção. Puro jogo de cena. É improvável que o ex-governador de São Paulo Orestes

Quércia suba no palanque de Fernando Henrique em São Paulo.

Pelo andar do andor, o oito de março de 1998 marcará o fim do PMDB como grande partido nacional, unido. A partir dessa data, será cada um por si. Muitos serão resgatados pelo governo Fernando Henrique, outros tantos embarcarão na canoa — furada ou não — da candidatura própria. Mas é essa instabilidade química do PMDB e seu tamanho que torna a cena política nacional mais interessante.